



THAÍS DA SILVA CANTANHEDE

**ADULTIZAÇÃO INFANTIL E O SEUS IMPACTOS
PSICOLÓGICOS**

THAÍS DA SILVA CANTANHEDE

**ADULTIZAÇÃO INFANTIL E O SEUS IMPACTOS
PSICOLÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Anhanguera de Brasília-DF., como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Psicologia.

Orientador: Amanda matos

THAÍS DA SILVA CANTANHEDE

ADULTIZAÇÃO INFANTIL E O SEUS IMPACTOS PSICOLÓGICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Anhanguera de Brasília-DF., como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Brasília, dia de mês de 2021

Dedico este trabalho a todo ser humano,
em especial as crianças e adolescentes
que sofrem ou já sofreram por decorrência
da adultização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua infinita bondade e por ter colocado em meu coração o desejo e amor pela psicologia.

Agradeço a minha mãe Josimary, meu sinônimo de força, que apesar das dificuldades, sempre com muita garra, humildade e carinho me ensinou.

Agradeço a meus irmãos Thalyta, Rodrigo e cunhado Vicente, por acreditarem em mim e por estarem comigo nos bons e maus momentos.

Agradeço aos meus amigos em especial a Ana e Emanuely por todo suporte, principalmente nesta etapa final.

Por fim aos meus professores e colegas de turma pela troca de conhecimento adquiridos durante a graduação.

Prestem atenção no que eu digo, pois eu não falo por mal: os muitos adultos que me perdoem, mas ser criança é legal!

Vocês já esqueceram, eu sei!

Por isso eu vou lhes lembrar:

Pra que ver em cima do muro, se é mais gostoso escalar?

Pra que perder tempo engordando, se é mais gostoso brincar?

Pra que fazer cara tão séria, se é mais gostoso sonhar?

Se vocês olham pra gente, é chão que vêem por trás.

Pra nós, atrás de vocês, há o céu, há muito, muito mais!

Quando julgarem o que eu faço, olhem seus próprios narizes: lá no seu tempo de infância, será que não foram felizes?

Mas se tudo o que fizeram, já fugiu de sua lembrança, fiquem sabendo o que eu quero:

MAIS RESPEITO, EU SOU CRIANÇA!

Pedro Bandeira

CANTANHEDE, Thaís da Silva. **Adultização infantil e os seus Impactos Psicológicos**. 2021. Número total de folhas 28. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Anhanguera de Brasília, Brasília, 2021.

RESUMO

A adultização é essa inserção precoce da criança ao mundo adulto. Para uma melhor elucidação do assunto, foi realizada uma revisão literária, fazendo um apanhado histórico do conceito de infância, qual a influência da mídia e da tecnologia na adultização, a importância da educação e do brincar e como a psicoterapia pode amparar essas crianças. Pois, nem sempre a criança foi vista como um ser de direitos, com isso a criança e o adulto não eram vistos como diferentes de forma física ou psíquica, fazendo com que as crianças exercessem papéis sociais e trabalhassem como adultos conforme citam alguns pesquisadores. As mídias sociais possuem uma influência significativa para propagação da adultização e sexualização, tendo em vista a crescente exposição infantil nas redes sociais com forte apelo sexual. Em contrapartida, a educação e o brincar auxiliam na preservação dos direitos infantis e num desenvolvimento psíquico e físico saudável. Deste modo este trabalho tem como objetivo descrever através de uma revisão bibliográfica os impactos psicológicos causados em crianças e adolescentes por decorrência da adultização, tendo em vista que a criança diverge em diversos aspectos dos adultos, não tendo ainda compreensão ou maturidade para lidar com o mundo. Através desses aspectos descritos é possível compreender que para criança se tornar um adulto psicologicamente saudável sua infância precisa ser respeitada, para que não gerem no sujeito um adoecimento físico e mental.

Palavras-chave: Adultização infantil. Infância. Erotização infantil. Desenvolvimento humano. Psiquismo.

CANTANHEDE, Thaís da Silva. **Child Adultization and its Psychological Impacts.** 2021. Total number of sheets 28. Course Conclusion Paper (Graduate in Psychology) – Faculdade Anhanguera de Brasília, Brasília, 2021.

ABSTRACT

Adultization is the early insertion of the child into the adult world. For a better elucidation of the subject, a literature review was conducted, making a historical overview of the concept of childhood, what is the influence of media and technology in adultization, the importance of education and play, and how psychotherapy can support these children. For, the child has not always been seen as a being of rights, so the child and the adult were not seen as different physically or psychically, causing children to play social roles and work as adults, as cited by some researchers. Social media have a significant influence on the propagation of adultization and sexualization, given the growing exposure of children on social networks with strong sexual appeal. On the other hand, education and play help preserve children's rights and a healthy psychic and physical development. Thus, this paper aims to describe through a literature review the psychological impacts caused in children and adolescents due to adultization, considering that children differ in several aspects from adults, not having yet understanding or maturity to deal with the world. Through these aspects described, it is possible to understand that for children to become psychologically healthy adults, their childhood needs to be respected, so that they do not generate in the subject a physical and mental illness.

Keywords: Child adultization. Childhood. Childish eroticization. Human development. Psychism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2.INFÂNCIA:	13
2.1 DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO INFANTIL	
3.IMPACTO PSÍQUICO DA ADULTIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO INFANTIL:	18
4.A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO E DO BRINCAR NA INFÂNCIA:	21
4.1 PSOCOTERAPIA INFANTIL	
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	26

1. INTRODUÇÃO

A inserção precoce da criança no mundo adulto não é algo novo, fazendo um apanhado histórico a criança era vista como uma miniatura do adulto, no seu modo de vestir, falar, trabalhar e se relacionar. Apesar dos avanços sociais e tecnológicos a precocidade da criança no mundo adulto ainda é perceptível, essa inserção ocorre principalmente através dos meios midiáticos.

O psiquismo infantil e o seu desenvolvimento biológico e fisiológico não funcionam da mesma forma que de uma pessoa adulta, a adultização infantil faz com que a criança pule as etapas saudáveis de seu desenvolvimento e se torne adulta antes da hora. Essa mudança abrupta da infância para vida adulta, faz com que a criança tenha acesso a conteúdo de conotação sexual, vire alvo de pornografia infantil, gravidez na infância ou adolescência, trabalho infantil, tendo assim seus direitos violados, e desenvolva transtornos psíquicos como depressão e ansiedade. A criança não tem consciência de que está sendo adultizada ou sexualizada, o impacto psíquico e biológico pode vir a ocorrer a curto ou longo prazo.

Portanto, esse estudo é relevante pois poderá trazer para sociedade e para comunidade acadêmica conhecimento que possa auxiliar no acolhimento e atendimento psicológico infantil, enfatizando ainda a necessidade de políticas e programas de prevenção a adultização e exposição infantil.

Diante do contexto apresentado acima a crescente exposição de crianças nos meios midiáticos, o trabalho infantil em diferentes níveis sociais e a “cultura” da sesexualização e erotização a pergunta norteadora da pesquisa foi “Quais os efeitos psicológicos podem ser gerados em crianças e adolescentes com fim precoce da infância? ” Tendo como intuito identificar o efeito do processo de adultização.

Objetivou-se tornar mais conhecimento sobre o que é adultização e como esse processo pode ocorrer. Com isso foi necessário compreender e descrever como o conceito de infância foi construído, discutir o impacto ao psiquismo infantil submetidos pela adultização e como a educação e o brincar podem auxiliar no bom desenvolvimento infantil, enfatizando ainda como psicólogo pode auxiliar uma criança em situação de risco.

Foi realizada um levantamento bibliográfico sobre o tema, para uma melhor compreensão com o intuito de obter um aprofundamento e buscar elaborar estratégias

psicológicas para auxiliar crianças e adolescentes que foram atravessados pela adultização. As buscas foram realizadas nas bases de dados de artigos, livros, revistas científicas, legislações, Scientific Electronic Library Online (SCIELO) no período de 2003 a 2021, utilizando também o uso de clássicos sobre o tema, utilizando os seguintes descritores: Adultização infantil, Erotização precoce, Sexualização infantil, Trabalho infantil, Pedofilia, Mídias sociais.

2. INFÂNCIA

A infância por muito tempo teve seu papel deturpado, ou seja, crianças praticavam os mesmos papéis sociais que os adultos, trabalhavam, casavam entre outras atividades que são comumente realizadas por adultos. Como é citado pelo autor Ariés em seu livro, “[...] à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse a incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (ARIÉS, 1978, p. 50). No dicionário Aurélio infância é definida como:

[Do latim *infantia*] *s.f.* 1. Período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade; meninice, puerícia. 2. As crianças. 3. *Fig.* O primeiro período de existência numa instituição, sociedade, arte, etc. 4. *Psicol.* Período da vida que vai do nascimento a adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os caracteres anatômicos, fisiológico e psíquicos, se divide em três estágios: a primeira infância, de zero a três anos; a segunda infância, três a sete anos; e terceira infância, de sete anos até a puberdade. 5. *Pop.* Ingenuidade, simplicidade: aquele senhor é de uma infância! (AURÉLIO, 1986, p. 942.).

Foi somente no século XVIII com o surgimento do sentimento de infância, que a concepção de infância se efetivou. A partir daí elas passam, do ponto de vista biológico, a ser tratadas com particularidades, a serem percebidas na sua singularidade por possuírem sentimentos próprios (NIEHUES; COSTA, 2012, p.285).

Segundo Andrade e Barnabé (2010, p.59) “A criança pertencia ao universo feminino até que pudessem ser integradas ao mundo adulto, ou seja, quando apresentassem condições para o trabalho, para a participação na guerra ou para reprodução”.

Na Idade Média, a infância terminava para a criança ao ser está desmamada, o que acontecia por volta dos seis a sete anos de idade. A partir dessa idade, ela passava a conviver definitivamente com os adultos. Acompanhava sempre o adulto do mesmo gênero e fazia o mesmo que eles: trabalhava, frequentava ambientes noturnos, bares etc. (CORTEZ, 2011).

Já no século XIX inaugura-se uma visão de criança sem valor econômico, mas de valor emocional inquestionável, criando uma concepção de infância plenamente aceita no século XX. Na verdade, como é possível perceber, “a história cultural da infância tem seus marcos, mas também se move por linhas sinuosas com o passar dos séculos: a criança poderia ser considerada impura no início do século XX tanto quanto na alta Idade Média” (HEYWOOD 2004, p. 45).

A infância como conhecemos hoje foi uma criação de um tempo histórico e de condições socioculturais determinadas, sendo um engano ousar analisar todas as infâncias de todas as crianças com o mesmo enfoque. A compreensão da infância muda com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e até mesmo com as peculiaridades individuais (ARIÈS, 1981).

A infância deve ser vista como uma multiplicidade de natureza-culturas, que é uma variedade dos híbridos complexos constituídos de materiais heterogêneos e emergentes através do tempo. Ela é cultural, biológica, social, individual, histórica, tecnológica, espacial, material, discursiva... e mais. A infância não pode ser vista como um fenômeno unitário, mas um conjunto múltiplo de construções emergentes da conexão e desconexão, fusão e separação destes materiais heterogêneos. (PROUT 2005,p. 144)

Segundo Damazio (1991), a contradição central parece residir no seguinte: a criança é um elemento da sociedade, como tal, deve ajustar-se nesse contexto. Porém, seu mundo, suas formas de ver o mundo, de senti-lo e aprendê-lo, e de relacionar-se com esse mundo é diferente da do adulto. A infância é marcada pela tensão desse ajustamento contraditório. A criança não é melhor nem pior que o adulto ela é diferente. Diferente porque pensa e sente diferente.

Para Arroyo (1994), a infância são várias, variam de criança para criança. A infância no campo não é como na cidade, ela é mais curta, já a da cidade pode ser desfrutada por mais tempo não é preciso sair cedo de casa para ajudar o pai no trabalho. Assim como a da criança de favela não é igual a da criança do condomínio fechado, elas não deixam de ser crianças, mas viverão a infância de forma diferente, uma poderá ser livre e trará o sustento da casa desde cedo, a outra não precisará trabalhar tão cedo, poderá ter uma infância mais longa, mas será privada da liberdade que a criança da favela desfruta.

Assim compreende-se que o conceito de “infância” foi e continua sendo construído, pois a forma que uma criança vivencia sua infância pode variar de acordo

com seu contexto histórico. Porém não significa que a infância de uma criança deva ser interrompida, ou que ela se torne insignificante diante da vida de um adulto.

A preocupação com a proteção da criança não deve servir de pretexto para anulação de sua criatividade, assim como a indiferença pela criança não pode ser confundida com o respeito por sua liberdade. É preciso que se conjuguem ambos, a proteção e o respeito, para que a criança possa exercer em toda plenitude, o seu direito de viver. E viver é participar da vida, é acrescentar alguma coisa à criação, é imprimir sua marca no mundo criado. Desse modo, o exercício do direito à vida deve ser constante prática do pensar, do falar e do agir, da expressão livre do diálogo[...] (DALLARI; KORCZAC, 1986, p. 53).

Fazendo assim uma comparação com o contexto social de crianças do século XVI, é perceptível que houve demasiado avanço relacionado à infância. Atualmente no Brasil existe o ECA-Estatuto da criança e do adolescente, que assegura à criança e adolescente como sujeitos de direitos. Conforme está descrito no parágrafo único do artigo:

Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (Incluído pela Lei nº 13.257, de 2016) ECA (1990, p 15-6)

2.1 DESENVOLVIMENTO DO PSIQUISMO INFANTIL:

O desenvolvimento do psiquismo individual está inserido na totalidade das relações existentes numa dada sociedade. Quando se afirma que o psiquismo humano é histórico e cultural isso quer dizer que o avanço em termos da personalidade terá seus limites dados pelo avanço da sociedade (DUARTE, 2013).

Segundo Leontiev 2004, O processo principal que caracteriza o desenvolvimento psíquico da criança é um processo específico de apropriação das aquisições do desenvolvimento das gerações humanas precedentes. [...] Este processo realiza-se na atividade que uma criança emprega relativamente aos objetos e fenômenos do mundo circundante, nos quais se concretizam estes legados da humanidade. Todavia uma dada atividade não pode formar-se por si mesma na criança, ela forma-se pela comunicação prática e verbal com as pessoas que a rodeiam e o que adulto ensina quando o fim desta atividade é precisamente transmitir conhecimentos práticos e aptidões.

A aprendizagem social deve ser compreendida em sua dimensão ampla e sistêmica, a qual não pode se reduzir a formas isoladas de ações e de aprendizagem de conceitos, mas estar condicionada à vida concreta e organização da atividade da criança (ZAPORÓZHETS, 1987, p. 238)

O desenvolvimento psicossocial pode afetar o funcionamento cognitivo e físico. De fato, sem conexões sociais significativas, a saúde física e mental terá problemas. A motivação e a autoconfiança são fatores importantes para o sucesso na escola, enquanto emoções negativas como a ansiedade podem prejudicar o desempenho. Pesquisadores chegaram a identificar possíveis ligações entre uma personalidade conscienciosa e a duração da vida. Inversamente, as capacidades física e cognitiva podem afetar o desenvolvimento psicossocial, além de contribuir significativamente para a autoestima e poder afetar a aceitação social e a escolha profissional (PAPALIA; FELDMANE, 2013). Ainda segundo as autoras:

Embora existam diferenças individuais na maneira como as pessoas lidam com eventos e questões características de cada período, os cientistas do desenvolvimento sugerem que certas necessidades básicas precisam ser satisfeitas e certas tarefas precisam ser dominadas para que ocorra um desenvolvimento normal. Os bebês, por exemplo, dependem dos adultos para comer, vestir-se e obter abrigo, além de contato humano e afeição. Eles formam vínculos com os pais e cuidadores, que também se apegam a eles. (PAPALIA, FELDMANE 2013, p.39).

Além da percepção, a memória de imagens, o segundo ano de vida, traz à criança novas possibilidades de se relacionar, agir e atuar no mundo à sua volta. Por força da percepção e da memória, agora ela pode internalizar imagens vividas na sua experiência cotidiana e pode se posicionar frente ao mundo (BOZHOVICH, 1987).

A necessidade do ser humano em adaptar-se às diferentes situações que o mundo que o cerca lhe apresenta, é que faz com que ele se desenvolva: “[...] ambas as atividades, intelectual e biológica são partes do processo global através do qual o organismo adapta-se ao meio e organiza experiências.” (WADSWORTH, 1996, p.16).

Para Piaget, o desenvolvimento cognitivo acontece em quatro estágios universais diferentes:

Cada estágio é caracterizado pela aparição de estruturas originais, cuja construção o distingue dos estágios anteriores. O essencial dessas construções sucessivas permanece no decorrer dos estágios ulteriores, como subestruturas, sobre as quais se edificam as novas características. (PIAGET, 2004, p. 15)

No primeiro estágio sensório-motor (0 aos 2 anos), gradualmente através das atividades sensorial e motora, o bebê torna-se capaz de organizar atividades em relação ao ambiente, no segundo pré-operatório (2 a 7 anos) é desenvolvido a função simbólica para representar pessoas, lugares e eventos, nesse período também se desenvolve a linguagem, porém, o pensamento ainda não é lógico. No estágio operatório-concreto (7 a 11 anos), é desenvolvido o pensamento lógico, porém ainda não consegue pensar de forma abstrata. No quarto e último estágio operatório-formal (11 anos até a idade adulta). O pensamento evolui do concreto para o abstrato, amplia a capacidade de resolver problemas e lidar com situações hipotéticas.

O bebê possui movimentos coordenados dos olhos após 1 mês e meio de idade; embora seja a condição necessária para ver, ainda não possui o poder visual. O mundo visível torna-se acessível para ele apenas após seus 4 ou 5 meses de vida. O desenvolvimento da criança, em relação às suas novas capacidades perceptivas, colabora para mudanças em sua vida. “[...] O primeiro princípio ‘orgânico’ de existência começa a ser substituído por um segundo princípio – o princípio da realidade externa e, o que é mais importante, social” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 156).

[...] a experiência da criança e sua influência imediata, documentada na memória, determina diretamente toda a estrutura do pensamento infantil nas primeiras etapas do desenvolvimento. Isso é compreensível do ponto de vista da evolução psíquica: não é o pensamento e particularmente o pensamento abstrato o que está presente no começo do desenvolvimento, mas sim a memória, que constitui seu momento determinante. Não obstante, durante o desenvolvimento da criança, produz-se uma mudança, decisiva, perto da adolescência. As pesquisas sobre a memória durante esta idade mostram que, no final do desenvolvimento infantil, as relações interfuncionais da memória variam radicalmente em sentido oposto: se para a criança pequena pensar é recordar, para o adolescente, recordar é pensar. Sua memória está tão moldada à lógica, que memorizar se reduz a estabelecer e encontrar relações lógicas, e recordar consiste em buscar um ponto que deve ser encontrado (VIGOTSKI, 1999, p. 46)

É possível que com um bom desenvolvimento psíquico infantil, a criança tenha sua infância preservada, podendo evitar possíveis angústias e traumas, e se tornar um adulto psicologicamente saudável. No próximo capítulo será abordado o impacto causado pela adultização e erotização ao psiquismo e ao desenvolvimento infantil, e como os meios midiáticos estão inseridos nesse processo.

3. IMPACTO PSÍQUICO DA ADULTIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO INFANTIL:

O termo adultização é recente, ele é utilizado para referenciar uma criança que age como adulto, ou seja, uma criança que está vivendo à “frente” de seu tempo normal. No dicionário Aurélio criança é definida como “Menino ou menina que está no período da infância, entre o nascimento e a puberdade. ”

Com o acesso à tecnologia, a sexualização ou adultização infantil tornou-se um problema, uma vez que a exibição exacerbada produz na criança um comportamento adulto a caminho de se vestir, falar, conversar entre outros comportamentos que é comum para adultos. Por esta razão, pode ser prejudicial ao desenvolvimento físico e psíquico de uma criança ou adolescente. O argumento proposto ocupa o ponto de vista da danicidade, a "cultura" da sexualização de crianças e adolescentes que pula uma das fases mais importantes do desenvolvimento humano que é a infância.

A adultização ou sexualização da criança e do adolescente corroboram para que o desenvolvimento infantil saudável seja interrompido, ficando expostas a situações e fenômenos estressantes. Atualmente existem crianças e adolescentes trabalhando em sinalização, prostituição, sofrendo maus-tratos físicos e psicológicos, tendo seus direitos violados, direitos estabelecidos pela lei e descritos no estatuto da criança e do adolescente (ECA).

A erotização infantil, embora seja um tema recente, tornou-se uma das principais preocupações da nova era tecnológica, pois pode prejudicar o desenvolvimento social e cognitivo das crianças, fazendo com que atropelem as fases naturais de desenvolvimento do ser humano e, em especial, a infância, que é extremamente importante para sua formação (FUSINATTO et al. 2014).

A “adultização” da infância provoca uma perda do vínculo da sociabilidade humana, fundada no trabalho útil, pois, o processo de sociabilidade da criança não passa mais pela sociabilidade através do aprendizado coletivo da escola, da vizinhança, da vida, isto é, do trabalho concreto, passando, sim, pelo trabalho repetido e cansativo, isto é, pelo trabalho abstrato, da identidade prematura e envelhecida das futuras gerações (SILVA 1999).

As crianças, embora estejam completamente imersas nos comportamentos, nas temáticas, nas linguagens e nos universos do mundo dos adultos, elas anseiam pela escola, pelo brincar e pelos jogos infantis que se permitem vivenciar em horas “roubadas” ao trabalho (SILVA 1999). Segundo Paterno et al. (2009), A erotização

precoce começa a ficar evidente, pois as crianças anseiam cada vez mais em parecer com os adultos e se tornam mini-adultos. Talvez, acreditem que com esse comportamento reduzam a distância criada entre esses dois mundos. Talvez, a criança, projete os desejos adultos como se fossem seus. Se apropria de algo que, ainda não é totalmente seu desejo, algo fabricado.

Algumas campanhas publicitárias estimulam de forma precoce a erotização infantil; programas de televisão exploram a sexualidade das crianças através de concursos de danças com músicas e coreografias insinuantes, apresentadoras de programas posam nuas para revistas, maquiagens para crianças estão cada vez mais sofisticadas, bonecas com corpos magros, seios grandes e muitas trocas de roupas são vendidas para qualquer faixa etária, revistas exploram os corpos das crianças com roupas e acessórios que se adequariam ao público adulto, entre outras inúmeras situações (SANTOS 2010).

Segundo Moreira et al. (2012, página 465), “ a internet hoje já é considerada a maior responsável pelo comércio, divulgação e exploração sexual de crianças e adolescentes no mundo”. A estimulação da erotização precoce pode trazer para as crianças, tais como: antecipação da menstruação nas meninas, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, distúrbios alimentares, depressão, baixo desempenho escolar, banalização da sexualidade, assim como o aumento da pedofilia no mundo adulto (FUSINATTO et al. 2014).

Segundo Cavalcante (2013 p.141 apud Torres, 2011) Parte da classe artística constata preocupada a mudança do papel da arte, que teria virado consumo, capricho pessoal mensurável e gerador de riquezas. Nesse sentido, a arte teria perdido o seu papel de agente transformador.

No caso do trabalho infantil, o conceito de trabalho de risco deve estar centrado na criança, focalizando não somente fatores de risco externos e imediatos, mas, também, aqueles que ameaçam seus crescimento e desenvolvimento ao longo do tempo. Estas dimensões podem ser agrupadas dentro de duas categorias: a física e a psicossocial. Ambas são cruciais para o futuro da criança, afetam-se mutuamente e as ameaças em cada uma delas devem ser consideradas, em grau de importância (MINAYO-GOMEZ E MEIRELLES, 1997)

“[...] Essas crianças sofrem muito com a necessidade de terem que responder, prematuramente, a essas demandas familiares, que, muitas vezes, envolvem a separação também precoce de seus pais, acarretando sintomas psicológicos graves. Em todos eles, não tivemos nenhuma dúvida em reconhecer o dano psíquico

relacionado com a exposição prematura ao universo impiedoso do mercado de trabalho (SANTOS, 2008 p.7)". Como exposto acima, uma das formas de adultização ou erotização infantil é o trabalho infantil, que é bastante presente na classe artística, ou seja, crianças e adolescentes que trabalham em comerciais, novelas e demais meios midiáticos e não apenas em crianças de classes menos favorecidas, como costumeiramente é informado.

Constitui uma das categorias de maus-tratos contra crianças e adolescentes, as quais incluem ainda o abuso físico, o abuso psicológico, o abandono e a negligência. Compreende todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual, que pode variar desde intercurso sexual com ou sem penetração (vaginal, anal e oral), voyeurismo, exibicionismo até exploração sexual, como a prostituição e a pornografia (MARQUES, 1994).

O impacto do abuso sexual na infância sobre o desenvolvimento pode ser mediado por inúmeros fatores relacionados às características individuais da criança, da família e da comunidade, bem como ao contexto do abuso e ao contexto da revelação, os quais podem interferir nas estratégias de coping utilizadas pela criança (NURCOMBE, 2000 apud BORGES; DELL'AGLIO, 2008 p.347).

As práticas sociais da atualidade, materializadas nos discursos da mídia, publicidade, programas de televisão, internet, músicas, filmes, entre outros, banalizam o corpo infantil e adolescente, erotizam a infância e a juventude, investem uma tensa relação de ambos com o consumo (MOREIRA et al. 2012).

É importante ressaltar que a criança "adultizada" não deixa de ser criança, pelo fato de agir como um adulto, tendo em vista que crianças distinguem do adulto de forma biológica e no seu modo de falar, pensar e se expressar.

No próximo capítulo, serão abordadas a importância do brincar e da educação na infância, como os estudos e a brincadeira pode auxiliar no desenvolvimento saudável de uma criança.

4. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO E DO BRINCAR NA INFÂNCIA:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996). A escola pode ser o lugar onde a criança tem sua primeira interação social fora do seu contexto familiar, e assim desenvolva novas habilidades.

No que concerne à educação das emoções, é tarefa primordial da escola auxiliar a criança a aprender a dominá-las. Significa apenas subordinação do sentimento e sua vinculação com outras formas de comportamento, orientado para um objetivo específico. A brincadeira, além de ser considerada o melhor mecanismo educativo do instinto, é também “[...] a melhor forma de organização do comportamento emocional. A brincadeira da criança é sempre emocional, desperta nela sentimentos fortes e nítidos, mas a ensina a seguir cegamente as emoções, a combiná-las com as regras do jogo e o seu objetivo final” (VIGOTSKI, 2001, p. 147).

Para Santos o processo criativo da criança não se trata apenas de uma forma de se comunicar com os adultos, segundo a autora:

O processo criativo das crianças serve para criar um mundo intermediário entre elas e o mundo dos adultos. Não se trata de um meio de comunicar-se com os adultos, mas, ao contrário, de um meio de assegurar-se que pode mantê-lo a uma certa distância, preservando a liberdade de extrair-se da realidade exterior. A criatividade da criança tem a finalidade de proporcionar-lhe um espaço onde pode ser autista, inadequada, desadaptada, só, separada da mãe, do pai, da família e da escola. Esta distância permite preservar o direito a uma certa loucura, sem a qual ninguém é verdadeiramente sadio (SANTOS, 2008 p.4)

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio (ALMEIDA, 2008, p. 41).

O brincar representa parte indispensável no desenvolvimento infantil. Quando a criança brinca, ela entra num mundo de “faz-de-conta”, num mundo onde tudo pode acontecer. Tem a permissão para imaginar ser quem não é, estar em lugares e até mesmo planetas diferentes, satisfazer seus desejos, ilusoriamente, viver o inesperado

e divertir-se. Desta forma, a brincadeira torna-se um cenário imaginário sem censura, tudo tem vida, fala e tem vontade própria. É nesse mundo, que coloca seu corpo em cena, como representante de papéis e vivem personagens de todos os tipos, tais como: médico, bombeiro, professor, pai, mãe... A criança constrói representações e encena versões, a partir de suas experiências (ALVES; SOMMERHALDER, 2006). A criança é um todo orgânico, físico e psicológico. A educação infantil coloca como seu objetivo-síntese o desenvolvimento integral da criança compreendendo com isso, os aspectos físicos, cognitivos e afetivos de sua personalidade (DIDONET, 1991, p. 93).

A educação auxilia no processo de compreensão da criança tanto do mundo quanto de si mesma. Portanto a criança que passa pelo processo de ensino aprendizagem e do brincar pode ter um desenvolvimento físico e psíquico mais saudável do que uma criança que não passou pelo mesmo processo, porém esse processo não precisa ser estressante e sim de acordo com a demanda de cada criança.

O trabalho pedagógico na educação infantil deve respeitar a criança quanto aos seus direitos e especificidades, isto é sua essência lúdica; sua constante curiosidade; seu desenvolvimento físico. Cognitivo. Afetivo e social; sua dependência e / ou necessidade de ajuda no cuidado com seu corpo, com sua alimentação, seus pertences etc. A partir desses objetivos e conceitos nos quais a educação infantil se inclui é que a denomina como uma das faixas etárias de maior importância, hoje, já que a criança necessita ser educada com princípios éticos e sociais, sobretudo por ser considerada cidadã. (MORENO, 2007, p. 57)

Apesar de que a importância do brincar na atualidade já esteja amplamente reconhecida para o desenvolvimento infantil, é comum se observar crianças às vezes muito pequenas tendo uma rotina bastante atribulada, tomada por diversas atividades e compromissos, o que acaba dificultando o encontro de espaço e tempo para que ela simplesmente brinque por brincar (LIMA; BERNARDI 2016 apud MARQUES; EBERSOL, 2015).

As atividades lúdicas facilitam tanto o vínculo como a escuta da criança, pois ela descreve, até mesmo em detalhes, todo o seu sofrimento através do jogo simbólico (Froner, 2008 apud Pfeiffer & Salvagni, 2005; Ramires & Froner, 2008).

4.1 PSOCOTERAPIA INFANTIL

No capítulo 3 deste trabalho foi apresentado alguns impactos que a adultização pode causar ao psiquismo infantil como: ansiedade, depressão, distúrbios alimentares

entre outros adoecimentos físicos e mentais decorrentes de abusos sexuais, trabalho infantil, erotização precoce, gravidez precoce dentre outras inserções abruptas da criança ao mundo adulto. [...] Estima-se que de 10 a 20% das crianças sofram com transtornos mentais e, dessas, 3 a 4% requeiram tratamento intensivo. Nessa população, são mais frequentes: a deficiência mental, o autismo, a psicose infantil e os transtornos de ansiedade (GOMES, 2015 et al. apud Brasil, 2005). O diagnóstico de qualidade exige procedimentos específicos de avaliação que incluem, além das próprias crianças e adolescentes, os familiares, responsáveis, professores e outros (Couto et.al 2008).

O processo de psicoterapia infantil diante desses casos pode auxiliar a criança ou adolescente trabalhar esses eventos traumáticos. A psicoterapia ajuda a criança a expressar melhor suas emoções e compreendê-las com intuito de provocar mudanças no mundo inter-relacional e intrapsíquico (CASTRO; STURMER,2009)

Os objetivos do tratamento, portanto, são semelhantes aos buscados junto a pacientes adolescentes e adultos, com a diferença que, com as crianças, tudo acontece de forma inesperada e rápida, exigindo do terapeuta dinamismo e flexibilidade mental, além de muita disponibilidade para a movimentação física. (CASTRO; CIMENTI, 2000, p.27)

Em termos de quadros depressivos infantis, é importante frisar que os níveis de desenvolvimento em geral regridem muito, tanto que ela tende a voltar a evacuar na roupa e a ter enurese. Assim sendo, nota-se que as queixas físicas são significativas no quadro (PETERSON, 2011, p.173).

Com o apoio terapêutico o tratamento tornar-se vital, é importante que haja um período para criação de vínculo entre a criança e o terapeuta, o que implica que o profissional deva ter um conhecimento teórico e prático na área da saúde mental, além de sensibilidade e empatia. (FRONER;RAMIRES, 2008).

Segundo Couto et al., 2008 pg. 396 os CAPSi são a principal ação brasileira porque respondem à necessidade de ampliação de acesso ao tratamento para casos que até então estavam fora do sistema formal de saúde mental– como casos de autismo - e, ao mesmo tempo, visam a melhorias no conhecimento clínico, epidemiológico e sobre organização de serviços no campo da saúde mental infantil e juvenil.

Para Axline (1972) existe oito princípios básicos que guiam o terapeuta no contato com seu público infantil: primeiro o terapeuta deve desenvolver um

relacionamento cálido e amistoso com a criança, de forma que se estabeleça o “rapport”; segundo princípio, o terapeuta deve aceitar a criança como ela é; terceiro o terapeuta estabelece uma relação de permissividade no relacionamento, de um modo que a criança se sinta completamente livre para expressar seus sentimentos; quarto princípio o terapeuta deve estar sempre alerta para identificar os sentimentos expressos pela criança e para refleti-los para ela, de forma que ela adquira conhecimento sobre seu comportamento; no quinto princípio o terapeuta mantém profundo respeito pela capacidade da criança resolver seus próprios problemas, dando-lhe oportunidade para isso. A responsabilidade de escolher e de realizar mudanças é deixada à criança; sexto princípio o terapeuta não tenta guiar as ações ou conversas da criança. Ela indica o caminho e o terapeuta segue; sétimo princípio o terapeuta não tenta diminuir a duração da terapia, esse processo é gradativo e assim deve ser reconhecido por ele; oitavo e último princípio o terapeuta estabelece somente as limitações necessárias para fundamentar a terapia no mundo da realidade e fazer com que a criança fique consciente de sua responsabilidade no relacionamento.

O fracasso e sucesso da terapia é muito influenciado pela relação entre terapeuta e paciente. Com isso é importante que o terapeuta demonstre um empenho sincero para entender a criança e constantemente controlar suas respostas que possam ser contrárias aos princípios básicos (Axiline, 1972).

A escuta e atenção a criança durante o processo de psicoterapia ajuda com que o terapeuta possa realizar o diagnóstico com mais segurança, a comunicação com a escola, família e demais redes de apoio da criança que também corroboram para um bom tratamento do psiquismo infantil. Dessa forma o tratamento de uma criança adultizada não depende apenas do olhar do psicoterapeuta, mas também da sociedade em geral.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, conclui-se que a infância que conhecemos hoje nem sempre foi assim, o conceito “infância” faz parte de uma construção histórica e cultural, dessa forma a criança foi se tornando um ser com direitos descritos em lei, mas que por vezes, são infligidos de diferentes formas e em diferentes contextos.

Mas, embora possua evidentes evoluções tecnológicas, sociais e culturais a infância ainda é muito prejudicada pela adultização, erotização e sexualização, assim sendo fundamental que os adultos respeitem o tempo de crescimento e desenvolvimento psíquico e físico de cada criança, deste modo o risco de uma criança obter traumas por ter sua infância prejudicada pode diminuir.

A adultização é um termo recente, usado para se referir a criança que é inserida subitamente no mundo adulto, é um exemplo de como frequentemente os direitos da criança e adolescente veem sendo infligido. É um processo doloroso para criança, podendo ocorrer de várias formas, como: trabalho infantil, sexualização, erotização de corpos infantis, exposição em meios midiáticos entre outros, podendo causar ansiedade, depressão, abusos físicos e psicológicos e por fim causar um precoce fim da infância.

A psicoterapia infantil ajuda a criança ou adolescente a compreender a si mesmo, seu lugar no mundo e como lidar com seus eventos traumáticos, assim como a educação que auxilia no desenvolvimento cognitivo, na socialização, criatividade e outras gamas de possibilidades. O respeito e o brincar, também podem auxiliar a combater ou diminuir o processo de adultização, pois permite que a criança tenha liberdade para se expressar e se divertir, fatores que amparam no bom desenvolvimento saudável infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, P. N. de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo, SP: Loyola, 2008.
- ALVES, F. D. & SOMMERHALDER, A. **O Brincar: linguagem da infância, linguagem do infantil**. Rio Claro: Motriz, v. 12, nº 2, mai/ago 2006, p. 125-132.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores. (1986).
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, (1981).
- ARROYO, M. G. A construção social da infância. In: **Infância na ciranda da educação: uma política pedagógica para zero a seis anos**. Belo Horizonte:CAPE, 1994, p. 11-7.
- AXLINE, V.M. **Ludoterapia: a dinâmica interior da criança**. Belo Horizonte, Interlivros 1972
- BERNARDES, D. M. **O lúdico no auxílio do ensino da matemática**. Pedagogia ao Pé da Letra, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/ludico-matematica/>>. Acesso em: 17 de abril de 2021.
- BOZHOVICH, L. I. **Las etapas de formación de la personalidad en la ontogénesis**. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (Orgs.). *La Psicología Evolutiva y Pedagógica en la URSS. (Antología)*. Moscou: Editorial Progreso, 1987. p. 250- 273
- BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 1990.
- BUARQUE DE HOLLANDA FERREIRA, Aurélio. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- Castro, M. G. K., & Cimenti, M. E. (2000). **Psicoterapia infantil: pensar relações e criar significados**. Revista do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia, 2, 37- 55.
- Castro, M. G. K., & Sturmer, A. (2009). **Desenvolvimento Emocional Normal da Criança**. In: **Crianças e adolescentes em psicoterapia: A abordagem psicanalítica**. 1ª edição, (56-58- 99). Porto alegre: Artmed
- CAVACANTE, S. R. **Trabalho infantil artístico: conveniência, legalidade e limites**. Rev. TST, Brasília, vol. 79, no 1, jan/mar 2013.

Couto, M. C. V., Duarte, C. S., & Delgado, P. G. G. (2008). **A saúde mental infantil na Saúde Pública brasileira: situação atual e desafios.** *Brazilian Journal of Psychiatry*, 30, 390-398.

DALLARI, D.A.; KORCZAC, J. **O direito da criança ao respeito.** 2. ed. São Paulo: Summus, 1986

DAMAZIO, R. L. **O que é criança: Brasiliense,** 1991.

DIDONET, Vital. **Educação Infantil.** Humanidades, Brasília, n, 43, 1991,

DUARTE, N. **Vigostki e a pedagogia histórico-crítica: a questão do desenvolvimento,** Presidente Prudente, SP, v. 24, n. 1, p. 19-29, jan./abr. 2013
<http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v24i1.2150>.

Friedberg, R.D. & McClure, J.M. (2004). **A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes.** Porto Alegre: Artmed

Froner, J. P., & Ramires, V. R. R. (2008). **Escuta de crianças vítimas de abuso sexual no âmbito jurídico: uma revisão crítica da literatura.** Paidéia.

FUSINATTO M. F.; SILVA C. A. **As mídias sociais e a erotização infantil.** XXXVIII Semana acadêmica do curso de pedagogia, Educação e Cidadania; perspectivas atuais. 2014.

Gomes, F. M. A. et al. **Saúde mental infantil na atenção primária à saúde: discursos de profissionais médicos.** Saúde e Sociedade [online]. 2015, v. 24, n. 1 [Acessado 17 Outubro 2021] , pp. 244-258. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000100019>>. ISSN 1984-0470.
<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000100019>.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** São Paulo: Moraes, s/d

LIMA, J. H. C. A. ; BERNARDI, B. A. **O brincar como um recurso terapêutico para crianças em saúde mental** 2016.

Marques, M. B. (1994). **Violência doméstica contra crianças e adolescentes.** Rio de Janeiro: Vozes

MINAYO, G. C. e Meirelles, Z.V **Crianças e adolescentes trabalhadores: um compromisso para a saúde coletiva.** Cadernos de Saúde Pública [online]. 1997, v. 13.

MOREIRA, V. L.; ROMÃO L. M. S. Discursos em Movimento: Considerações Sobre a Pedofilia e Pornografia Infantil na Rede. **Revista PSICO.** Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto. v. 43, n. 4, 2012.

MORENO, G. L. **Organização do trabalho pedagógico na instituição de educação infantil.** In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Org.). Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Ed. Humanidades, 2007

NIEHUES, M. R.; COSTA, M. **Concepções de Infância ao longo da História**. Rev. Técnico Científica (IFSC), v. 3, n. 1, 2012.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano** [recurso eletrônico] / Diane E. Papalia, Ruth Duskin Feldman, com Gabriela Martorell ; tradução : Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.] ; [revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva... et al.]. – 12. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : AMGH, 2013

PATERNI, K.A. V.; MÜLLER, V. R. **Normalização da Erotização da Infância: Cotidiano Escolar**. Seminário de Pesquisa do PPE – Universidade Estadual de Maringá. 2009

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2004

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2012

PROUT, A. (2005). **The future of childhood**. New York: RoutledgeFalmer.
SANTOS, Ivone Maria dos. A cultura do consumo e a erotização na infância. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1-20, 2010. DOI: 10.11606/extraprensa2009.74369. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74369>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SANTOS, T. C. **Fazer arte não é trabalho infantil: consequências psicológicas e cognitivas do trabalho precoce**. Cartas de Psicanálise. Rio de Janeiro, 2008.
SILVA, Maria Liduína Oliveira (1999). **Trabalho infantil no Mercado Ver-o-Peso: uma realidade oculta do cartão postal**. São Paulo. PUC/SP. Dissertação de mestrado.

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1997

ZAPORÓZHETS, A. **Importancia de los períodos iniciales de la vida en la formación de la personalidad infantil**. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. **La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS**. (Antologia). Moscou: Editorial Progreso, 1987.